



A ORTOGRAFIA DA

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar os principais segmentos vocálicos e consoantais que ocorrem na língua Maxakalí, descrever os princípios da ortografia empregada pelos índios e introduzir o leitor na decifração dos sons representados por essa ortografia. Além disso, aponto alguns problemas de representação com que os índios se deparam, principalmente na representação de neologismos oriundos do português compostos de consoante oral seguida de vogal nasal e consoante nasal seguida de vogal oral.

Origem da escrita Maxakalí

A ortografia Maxakalí foi criada pelo casal de missionários do *Summer Institute of Linguistics* Harold e Fran Popovich. O casal Popovich viveu junto aos índios nos anos 60 e 70 para descrever a língua com o objetivo de traduzir os quatro evangelhos para o Maxakalí. Para escrever os evangelhos em Maxakalí, o casal Popovich desenvolveu uma ortografia para a língua composta de caracteres latinos. Tal escrita foi divulgada entre os Maxakalí nas cinco cartilhas usadas para esse fim e em aulas de alfabetização promovidas pelo casal e pela FUNAI. Com o surgimento de programas de educação voltados para a valorização da cultura indígena e com a criação de escolas com professores indígenas, os índios passaram a alfabetizar as crianças e a escrita em língua Maxakalí passou a ser fomentada e divulgada na sua modalidade escrita por meio de publicações de jornais e livros produzidos pelos próprios Maxakalí.

Na próxima seção, descrevo os grafemas vocálicos e consonantais empregados na ortografia do Maxakalí.

LÍNGUA MAXAKALÍ

Grafemas vocálicos e consonantais

O alfabeto empregado na ortografia criada por Popovich é composto de vinte grafemas, sendo dez com valores consonantais e dez com valores vocálicos. Entre as consoantes figuram <m>, <n>, <g>, <h>, <k>, <p>, <t>, <x>, <y> e o diacrítico <'>, que representa uma oclusiva glotal. Entre as vogais, figuram <a>, <e>, <i>, <o>, <u>. As vogais nasais são representadas por meio do diacrítico til ~: <ã>, <ẽ>, <ĩ>, <õ>, <ũ>. Cada grafema corresponde a um fonema da língua, como mostro na tabela a seguir.

Tabela 1 - Fonemas e grafemas da língua

Consoantes orais	Fonemas	/k/	/p/	/t/	/c/	/h/	/ʔ/
	Grafemas	<k>	<p>	<t>	<x>	<h>	<'>
Consoantes nasais	Fonemas	/m/	/n/	/ŋ/	/ɲ/		
	Grafemas	<m>	<n>	<g>	<y>		
Vogais orais	Fonemas	/a/	/e/	/i/	/o/	/u/	
	Grafemas	<a>	<e>	<i>	<o>	<u>	
Vogais nasais	Fonemas	/ã/	/ẽ/	/ĩ/	/õ/	/ũ/	
	Grafemas	<ã>	<ẽ>	<ĩ>	<õ>	<ũ>	

Foneticamente, o Maxakalí possui para o grupo das consoantes sonoras orais um grupo de consoantes nasais com ponto de articulação equivalente:

Tabela 2 - Consoantes orais e nasais

	bilabiais	alveolares	alveopalatais	velares
orais	[b]	[d]	[dʒ]	[g]
nasais	[m]	[n]	[ɲ]	[ŋ]

Na ortografia Maxakalí, não se empregam grafemas individuais para diferenciar as consoantes orais vozeadas das nasais, correspondentes em ponto de articulação. Os grafemas nasais representam tanto as consoantes orais quanto as nasais:

Tabela 3 - Grafemas nasais

	bilabiais	alveolares	velares	alveopalatais
Fonema	/m/	/n/	/ŋ/	/ɲ/
Grafema	<m>	<n>	<g>	<y>
Valor fonético	[m] [b]	[n] [d]	[ŋ] [g]	[ɲ] [dʒ]

Na língua, há uma regra de harmonia nasal, de acordo com a qual, segmentos nasais nasalizam segmentos orais a não ser que haja uma barreira à nasalização, que são consoantes oclusivas desvozeadas, como [k], [p] e [t], além da oclusiva glotal. Seguindo a lógica da fonologia da língua, na ortografia proposta por Popovich, os grafemas <m>, <n> e <y> representam consoantes orais quando seguidos de vogais orais: <m> [b]: <mai> [bai] “bom”, <muk> [bʉkʰ] “passar”; <n> [d]: <nak> [nakʰ] “seco”, <ãnu^k> [ãdʉkʰ] “redondo”; <y> [dʒ]: <yok> [dʒowkʰ] “reto”, <ãyuhuk> [ãdʒʉhʉkʰ] “homem não-índio”. Por outro lado, os mesmos grafemas representam consoantes nasais quando seguidos de vogais nasais: <m> [m]: <mõg> [mõŋ] “ir”, <mĩhĩm> [mĩhĩɲm] “árvore”; <n> [n]: <nãg> [nãŋ] “pequeno”, <nũn> [nũɲn] “vir”; <y> [ɲ]: <yũm> [ɲũɲm] “pôr”, <kãyã> [kãɲã] “cobra”.

Com exceção da oclusiva glotal [ʔ], todas as consoantes do Maxakalí podem desenvolver uma pré-nasalização¹ no *onset*² da sílaba inicial de verbos inacusativos³. Junto à primeira sílaba de verbos inacusativos, pode ocorrer uma pré-nasalização em função da prefixação de tais verbos por marcas de pessoa. Tal marca de pessoa expressa concordância entre o verbo e o sujeito e pode ser plenamente pronunciada como uma vogal alta posterior não-arredondada [ũ]

ou figurar apenas como uma pré-nasalização, como mostro nos exemplos em (1):

(1a)

Konããg ũnak
[kunã?ã? ũdakʔ]
Água.ABS ele-secar
"A água secou"

(1b)

Konããg ũnak
[kunã?ã? ʔdakʔ]
Água.ABS ele-secar
"A água secou"

Em (1a), a marca de concordância ocorre como uma vogal posterior não arredondada nasal [ũ]. Já em (1b), a marca é pronunciada como uma pré-nasal.

Na seção seguinte, descrevo a relação que há entre grafemas e sons da escrita Maxakalí de acordo com a posição na sílaba. Com base nos tipos silábicos, descreverei os sons vocálicos e consonantais e as regras ortográficas do Maxakalí. Iniciarei pelo tipo silábico mais simples e prosseguirei em direção ao mais complexo.

Tipos silábicos

Em Maxakalí, os tipos silábicos possíveis são:

- a) V (vogal). Exemplo: *a* "você-intransitivo"
- b) CV (consoante+vogal). Exemplo: *pe(kox)* "céu"
- c) VC (vogal + consoante). Exemplo: *ax* "partícula que expressa futuro"
- d) CVC (consoante + vogal+consoante): Exemplo: *gõy* "fumaça"
- e) CVCVC (consoante+vogal+consoante +vogal+consoante). Exemplo: *taha* "carregar"; *pohox* "flecha"

Para explicar os sons que representam os grafemas do Maxakalí, utilizarei apenas os tipos silábicos em (a), (b) e (d). Os tipos silábicos em (c) e (e) repetem padrões dos tipos em (b) e (d) e, por isso, não serão explicados neste texto, cujo objetivo é introduzir interessados na escrita Maxakalí.

Começo pelo tipo silábico V.

Tipo silábico V

Em princípio, as sílabas V do Maxakalí podem ser compostas de qualquer uma das dez vogais do inventário fonêmico do Maxakalí:

- A** – Vogal baixa central não-arredondada [a]. Equivale ao *a* do português.
- Ã** – Vogal baixa central não-arredondada nasal [ã]. Equivale ao *ã* do português.
- E** – Vogal média-baixa anterior não-arredondada ou média-alta anterior não-arredondada [e], como o *e* do português na palavra *pescado* ou na palavra *pé*.
- Ê** – Vogal média-baixa anterior não-arredondada nasal [ê], como o *ê* na palavra *pente*.
- O** – Vogal média-alta posterior arredondada [o], como o *o* na palavra *mofo* ou *u*, como na palavra *pulo*, quando átona.
- Õ** – Vogal média-alta posterior arredondada nasal [õ], como o *õ* na palavra *bomba* ou como o *ũ* na palavra *mundo*, quando átona.
- U** – Vogal alta posterior não-arredondada [ɯ]. Não há vogal semelhante no português. Para pronunciá-la, articule a vogal *u* sem arredondamento dos lábios.
- Û** – Vogal alta posterior não-arredondada nasal [ũ]. Não há vogal semelhante no português. Para pronunciá-la, articule a vogal *ũ* sem arredondamento dos lábios.

Tipo silábico CV

Podem iniciar a sílaba todas as dez consoantes do Maxakalí:

- M** – Antes de vogal oral, representa uma consoante oclusiva bilabial [b], como o grafema na palavra *bola*. Seguida de segmento nasal é uma nasal bilabial [m], o grafema <m> na palavra *mel*. Portanto, *mo*, em Maxakalí, deve ser lido como *bo*, mas *mõ* lê-se como *mõ*, como na palavra *monte*.
- N** – Antes de vogal oral, é uma consoante oclusiva alveolar vozeada [d] como o grafema <d> do português na palavra *dedo*. Antes de vogal nasal, é uma consoante nasal alveolar [n], como o grafema <n> na palavra *nata*. Leia *na* como *da*, e *nã* como

nã na palavra *não*.

- G** – Equivale à consoante oclusiva velar vozeada [g] e corresponde ao grafema <gu> do português, como na palavra *água*. *Ga, go* e *ge*, por exemplo, lêem-se, respectivamente, como *ga, go* e *gue*.
- P** – Oclusiva bilabial desvozeada [p] e corresponde ao grafema <p> do português.
- T** – Oclusiva alveolar desvozeada [t] e equivale ao grafema <t> do português antes das vogais *a, e, o* e *u*, como na palavra *toca*. Atenção: Antes da vogal *i*, o <t> é pronunciado como uma oclusiva alveolar [t] *t* e não como uma fricativa alveopalatal [tʃ] *tch*, como tipicamente é pronunciado no português de Minas Gerais. Assim, uma sílaba da língua Maxakalí como *ti* é pronunciada *ti* [tiʔ], como no dialeto baiano, e não *tchi* [tʃi], como seria no dialeto mineiro. O som *tch*, como em *tira*, no português de Minas Gerais, é representado somente pelo grafema <x> em Maxakalí.
- K** – Oclusiva velar desvozeada [k], como no português.
- H** – Fricativa glotal [h]. Equivale ao som de *erre* nas palavras *roupa* e *roça*, por exemplo, no português de Minas Gerais.
- X** – Fricativa alveopalatal desvozeada [tʃ]. Equivale ao som de *t* diante da vogal *i* no português de Minas Gerais, como em *tia*. *Xa*, por exemplo, lê-se *tcha*, como na palavra *tchau*.
- Y** – Antes de vogal oral é uma fricativa alveopalatal vozeada [dʒ] *dj*, como o som de *d* na palavra *dia* no português de Minas Gerais. Antes de vogal nasal, é uma nasal palatal [ɲ], semelhante ao som de *nh* do português como na palavra *canhão*. *Ya, ye, yi* e *yo*, por exemplo, lêem-se, respectivamente, como *dja, dje, dji* e *djo*. Já *yã, yê, yĩ* e *yõ* devem ser lidos como *nhã, nhê, nhĩ* e *nhõ*.
- ʔ** – Consoante oclusiva glotal. Ocorre antes de vogal oral ou nasal. No português, essa consoante ocorre apenas em expressões paralingüísticas, como na seqüência negativa *ãh* *ãh*, por exemplo, empregada principalmente por crianças.

Tipo silábico CVC

Com exceção da consoante fricativa glotal *h*, todas as consoantes do Maxakalí podem ocorrer na posição final da sílaba: *m, n, p, k, g, t, x, y* e a consoante glotal, representada ortograficamente pelo diacrítico ʔ. Em Maxakalí, as consoantes podem adquirir características vocálicas na posição final da sílaba, fenômeno que, segundo Popovich (1983), tornou a língua Maxakalí conhecida no mundo (cf. Popovich, 1983). Quando as consoantes <k>, <g>, <p>, <m>, <t>, <n>, <x> e <y> ocorrem no final da sílaba, surge uma vogal epentética entre as consoantes em questão e as vogais que são o núcleo da sílaba, como mostro a seguir nos exemplos:

(2a) Tohotʔ “abóbora”

(2b) Tohoʒt “abóbora”

Os exemplos (2a) e (2b) mostram duas pronúncias possíveis para a palavra Maxakalí que designa “abóbora”. A pronúncia em (2a) ocorre, mas com menos freqüência em relação à pronúncia de (b). A consoante final [t] em (2a) é pronunciada de modo tênue de maneira que quase se ouve apenas a vogal [o] *o*. Já na pronúncia em (2b), surge, entre a consoante final [t] e a vogal [o], uma vogal parasita que basicamente suprime a consoante hospedeira [t]. Por essa razão, diz-se que, em Maxakalí, consoantes podem representar vogais, pois a consoante [t], nesse caso, ocorre foneticamente como uma vogal [ɔ̃], que, como mostrarei mais adiante, equivale, aproximadamente, à vogal [a] do português. Esse fenômeno é chamado de pré-vocalização e ocorre, com exceção da fricativa glotal, com todas as consoantes da língua, quando localizadas no final da sílaba. As pré-vogais que surgem desse fenômeno adquirem as mesmas características articulatórias das consoantes que as hospedam. Por essa razão, junto às consoantes velares [k] e [g] surge a vogal posterior [w]. Junto às consoantes bilabiais [m] e [p], ocorre a vogal meio-posterior [ɰ]. Junto às alveolares, ocorre a vogal central [ɜ̃]. Contíguas às consoantes palatais [tʃ], [dʒ] e [ɲ] figura a vogal alta [i].

A seguir, descrevo o valor fonético das pré-vogais correspondentes com o ponto de articulação de cada uma das consoantes que fecham a sílaba:

[w] vogal labial posterior. A vogal [w] é semelhante à semivogal do português *u* em ditongos como o do verbo *poupa* e ocorre diante das velares [k] e [ŋ], como em *tok* “criança” [tɔwkʷ] *tou*, e *nōg* “terminar” [nōŋ] *nōu*.

[ɣ] vogal meio-posterior não-arredondada. Essa vogal também é semelhante semivogal [w] do português. Ocorre diante das consoantes bilabiais [p] e [m], como em *pop* “macaco” [pɔɣpʷ] *pou* e *mōm* “inchar” [mōɣmʷ] *mōm*;

[ɜ] vogal central não-arredondada. Vogal semelhante à vogal *a* do português em palavras como *Andréia* e *idéia*, sem que a vogal *i* seja pronunciada. Ocorre diante das alveolares [t] e [n], como em *pet* “casa” [pæɜtʷ] *pea* e *xokyin* “carne” [tɔowkʷnɪɜnʷ] *tchouknhia*.

As consoantes <k>, <p>, <t> e <x> ocorrem depois de vogais orais e as consoantes <g>, <m> e <y> depois de vogais nasais. Assim, as sílabas terminadas com as consoantes <k>, <p>, <t>, e <x> nas palavras *tok*, *top*, *mot* e *nox*, por exemplo, são pronunciadas aproximadamente como *tou*, *tou*, *boa* e *doi*.

As sílabas terminadas com as consoantes <m>, <n>, <g>, e <y> nas palavras *nōm* [nōɣmʷ], *yin* [nɪɜnʷ], *mōg* [mōŋ] e *yim* [nɪɜmʷ], por exemplo, são, respectivamente, de forma aproximada, pronunciadas como *nōum nhia*, *mō* e *nhium*. O grafema <x> no final de sílabas representa uma semivogal alta [j], como em português na palavra *cai*. Já a vogal *i* representa um hiato [i], como em *aí*. Assim, *max* [ˈbaj] “semelhante” pronuncia-se *bai*, mas *mai* [baˈiʔ] “ser/estar bom/bonito” pronuncia-se aproximadamente como *baí*. O ditongo *iy* pronuncia-se, aproximadamente, como *éi*, como nas palavras *xiy* [tɔʃɪjɪn], *míy* [mɪjɪjɪn], pronunciadas, aproximadamente, como *tchêi* e *mêi*.

Com relação ao acento, todas as palavras

da língua Maxakalí são acentuadas na última sílaba. As palavras *penāhā* [pænahāʔ] “ver”, *kakxexka* [kakʷtɕejkaʔ] “lagarto”, *kuxex* [kihtɕæj] “casa de religião”, *pēnēn* [pēnēɜnʷkwɔpʷ] “bicicleta”, *soxmetmet* [tɔjɔjbæɜtʷbæɜtʷ] “bem-te-vi”, *koyām* [kɔjɔɣmʷ] “goiaba”, *tayūmak* [tajɪbakʷ] “dinheiro” e *xenona* [tɕedunaʔ] “telefone celular” são, por isso, pronunciadas aproximadamente como *narrā*⁵, *kaktcheika*, *ku⁶tchei*, *pēnēa*, *tchoibeabea*, *kunhām*, *tanhā⁷ba* e *tcheduda*.

Com base nas regras expostas acima, o leitor poderá pronunciar com certa desenvoltura os sons do Maxakalí. Na próxima seção, mostro alguns problemas na representação de empréstimos do português referentes à regra de harmonia nasal implícita na ortografia do Maxakalí.

Representação de sons oriundos do português

Os Maxakalí vivem atualmente em três territórios descontínuos, os quais são cercados pelo grande território de lusofalantes. O contato com não-Maxakalís é intenso e, como consequência, impõe à língua Maxakalí o aporte contínuo de inúmeros novos vocábulos. Tais neologismos, ou entram na língua na forma de decalques ou, diretamente, com adaptação fonética. Os decalques são traduções diretas ou indiretas dos termos estrangeiros. Em Maxakalí, esse tipo de empréstimo é muito freqüente:

- (3) *mīmtutmōg* [mɪmpʷtɔɣəmōŋ] {casa+ir} = “carro”, aproximadamente como *mīuta⁸gamō*;
- (4) *mōtokuyānām* [mōtɔkwɪɲɔnɔɣmʷ] {moto+fogueira+brilho} = “luz”, aproximadamente como *mōtoka⁹nhanão*;
- (5) *tappettat* [tɔɣpʷpæɜtʷtɔɜtʷ] {papel/livro+carregar} = “pendrive”, aproximadamente como *talpe¹⁰ataa*;
- (6) *pēnēnkup* [pēnēɜnʷkwɔpʷ] {peneira+estrutura/osso} = “bicicleta”, aproximadamente como *pēnēaka¹¹u*.

Os empréstimos diretos, no entanto, constituem a grande maioria dos empréstimos da língua e são adaptados foneticamente de acordo com o sistema fonológico do Maxakalí. Como a língua Maxakalí não possui os as consoantes [ʒ], [l], [ʎ], [s], [r], [v], [ʃ], por exemplo, os empréstimos que têm esses sons são adaptados com os sons do Maxakalí que mais se aproximam em ponto de articulação dos sons em questão: [dʒ], [n], [j], [tʃ], [d], [b], [tʃ], como mostro na tabela (4) a seguir:

Tabela 4 Equivalência fonética entre sons do português e do Maxakalí

Sons do português	Palavra do português	Sons do Maxakalí	Empréstimo no Maxakalí	Transcrição fonética	Pronúncia aproximada
[ʒ]	"janela"	[dʒ]	"yinên"	[dʒinēnʔ]	<i>djinêa</i>
[l]	"caramelo"	[n]	"kanāmēt"	[kanamæʒtʔ]	<i>kanamea</i>
[ʎ]	"Pampulha"	[j]	"Pāpox-ah"	[pāpujə]	<i>pāpuia</i>
[s]	"celular"	[tʃ]	"xenonat"	[tʃedudaʔ]	<i>tcheduda</i>
[r]	"carará ¹² "	[d]	"Kanakana"	[kadakadaʔ]	<i>kadakada</i>
[v]	"viola"	[b]	"miot"	[biotʔ]	<i>bioa</i>
[ʃ]	"chave"	[tʃ]	"xahap"	[tʃahapʔ]	<i>tcharrau</i>

Na tabela (4), empréstimos do português, cujas consoantes são inexistentes no Maxakalí são adaptados com consoantes próprias do Maxakalí.

Outra questão relativa ao empréstimo de palavras do português é a ocorrência de determinadas consoantes vozeadas orais seguidas de vogais nasais e de consoantes nasais diante de vogais orais. O português possui muitas palavras com esse padrão silábico. Na língua Maxakalí, tal padrão é raro nas palavras da língua, mas tem se tornado freqüente nos empréstimos oriundos do português:

(7) *Kanenāp* [kadedädʒmʔ] "panela, caldeirão", aproximadamente *kadedão*;

(8) *Nāpɣap* [dãɣmpʔtʃaɣpʔ] "pilha", aproximadamente *dāotchau*;

(9) *Ōnimexidat* [õnibetʃidaʒtʔ] "universidade", aproximadamente *õnibetchida*;

(10) *Kanāmēt* [kanamæʒtʔ] "bala", aproximadamente *kanamea*;

(11) *Xanāmok* [tʃanabowkʔ]

"mamangaba¹³", aproximadamente *tchanabou*.

Nos exemplos (7) e (8), vogais nasais ocorrem diante de consoantes orais alveolares e bilabiais vozeadas. Nos exemplos de (9) a (11), vogais orais ocorrem diante de consoantes nasais. Assim, pode-se dizer que, em Maxakalí, a regra de harmonia nasal é violada nesses casos, uma vez que vogais orais deveriam se tornar nasais diante de consoantes nasais e as consoantes vozeadas [d] e [b] deveriam se nasalizar diante de vogais nasais. O problema que poderia surgir com as exceções à regra de harmonia nasal é que, quando não se conhece a palavra, a sua pronúncia não é predizível. Assim, com relação aos exemplos (8) e (11), por exemplo, aprendizes da língua Maxakalí ou falantes nativos que eventualmente não conhecem as palavras em questão, não saberiam, por exemplo, se "mamangaba" se pronuncia *tchanabou* ou *tchadabou* e se "pilha" se pronuncia *nāotchau* ou *dāotchau*. A solução que os Maxakalí adotam para o problema é grafar a vogal com o til. No exemplo (11), embora a vogal em questão seja oral, o diacrítico til impede que o aprendiz pronuncie a consoante inicial [n] como oral [d], restando como pronúncias possíveis *tchanabou* e *tchanābou*, com vogal oral e nasal. Já o exemplo (8), por ser a sílaba CVC: [dãɣmʔ], os Maxakalí grafam a segunda consoante [m] por meio de um grafema oral <p>: <nāp>, em vez de <nām>. O uso de um grafema oral para a segunda consoante nasal da sílaba indica que a consoante inicial deve ser pronunciada como oral: [dãɣmpʔ] *dão*. Assim, os aprendizes sabem que a primeira consoante da sílaba deve ser oral e não nasal. Esse recurso é empregado recorrentemente pelos Maxakalí, principalmente em palavras oriundas do português, em que há a ocorrência contígua de consoantes orais e vogais nasais:

(12) *Kanāmēt* [kana'mæʒtʔ] *kanaméa* "bala"

(13) *Hoyāx* [ho'dʒãjɣ] *rodjái* "Rosângela - nome próprio"

(14) *Kanenāp* [kade'dãχm̃] *kadedão*
“caldeirão, panela”

(15) *Nanāx* [da'dãŋ] *dadāi* “laranja”

Nas palavras de (12) a (15), o recurso usado para representar as vogais [e] em (12), [ã] em (13), [ã] em (14) e [ã] em (16), todas contíguas a grafemas nasais, foi o uso de grafemas orais após as vogais: <t> em (12), <x> em (13), <p> em (14) e <x> em (15). O uso de tais grafemas no final da sílaba permite a predição da pronúncia dos grafemas <m>, em (12), <y>, em (13), e <n>, em (14) e (15), respectivamente como [b] *b*, [dʒ] *dj* e [d] *d*. Por outro lado, para representar, em (12), a vogal oral [a], contígua a uma consoante vozeada, foi usado o til. Note-se que, embora o til seja tenha sido empregado, a vogal é pronunciada oral. Tais recursos para diferenciar a representação das consoantes nasais das consoantes orais, embora disponíveis na ortografia, não são sempre aplicados. Assim, palavras como *māxakani* “Maxakalí”, *tenemiyāp* “televisão”, *Menaniyōt* “Belo Horizonte” e *nanāx* “laranja”, cuja pronúncia corrente é [matʃakadi] *matchakadi*, [tedebidʒãχm̃] *tedebidjão*, [bedadidʒõχñ] *bedadidjõa* e [dadãjŋ] *dadāi*, são também representadas como *maxakani*, *tenemiyām*, *Menaniyōn* e *nanāy*. Essas grafias permitem, em tese, pronúncias errôneas como *¹⁴[batʃakadi] **batchakadi*, *[tedebijñãχm̃] **tedebinhão*, *[bedadijõχñ] **bedadinhõa* e *[danãjŋ] **danāi* por falantes que desconheçam tais palavras ou por aprendizes da língua. O fato, porém, de haver flutuação na grafia de tais palavras, evidencia que, embora os Maxakalí tenham a solução para diferenciar o uso oral e nasal de alguns grafemas, o seu uso indiscriminado nos empréstimos pelos usuários da escrita não constitui ainda um verdadeiro problema na ortografia da língua.

Neste artigo procurei descrever os sons vocálicos e consonantais que ocorrem na língua Maxakalí e introduzir o leitor na decifração dos

sons representados na ortografia da língua. Além disso, mostrei algumas dificuldades que empréstimos oriundos do português, compostos de consoante oral seguida de vogal nasal e de consoante nasal seguida de vogal oral, impõem ao sistema ortográfico e as soluções encontradas pelos Maxakalí para superar tais dificuldades.

1. Em Gudschinsky e Popovich (1970), e em estudos subsequentes, assume-se que os fonemas /m/, /n/ e /ŋ/, diante de vogais orais, podem ter como alofones parcialmente nasalizados, as pré-nasais [ᵐb], [ᵐd] e [ᵐg]. Sua ocorrência seria limitada ao início de sílaba, tanto em nomes quanto em verbos. Tais alofones ocorreriam em variação livre com os alofones orais [b], [d] e [ŋ]. Não pude, entretanto, atestar a ocorrência de consoantes parcialmente nasalizadas em variação livre com consoantes orais, como postuladas pelos autores. Assumo, por isso, que consoantes parcialmente nasais ocorrem na língua apenas como variantes fonéticas da marca de concordância de terceira pessoa {ū-} que ocorre junto a verbos inacusativos.

2. Em fonologia, os componentes da sílaba ConsoanteVogal Consoante, são, às vezes, referidos, respectivamente, como *onset* (C inicial), *núcleo* (V) e *coda* (C final)

3. Verbos inacusativos são verbos de uma subclasse de verbos intransitivos, cujos sujeitos detêm papel semântico de [+afetado], como *cair*, *temer*, *adoecer*, *estar bem*, etc, em oposição à subclasse dos verbos inergativos, cujos sujeitos detêm papel semântico de [+controle], [+desencadeador], como *dançar*, *correr*, *nadar*, *cantar* etc. Remeto os interessados nas classes verbais da língua Maxakalí a Campos (2007).

4. *Pitangus sulphuratus*, ave da família *tyrannidae*.

5. Os grifos marcam as sílabas tônicas.

6. Aproximadamente como a vogal *u* do inglês na palavra *but*.

7. Aproximadamente como a vogal *u* do inglês na palavra *but*, mas pronunciada de forma nasal.

8. *a* pronunciado sem arredondamento dos lábios, aproximadamente como o *u* do inglês na palavras *but*.

9. *a* pronunciado sem arredondamento dos lábios, aproximadamente como o *u* do inglês na palavras *but*.

10. *e* pronunciado como o *e* de *pé* e não como o *e* de *mesa*.

11. *a* pronunciado sem arredondamento dos lábios, aproximadamente como o *u* do inglês na palavras *but*.

12. *Polyborus plancus*, ave da família dos *falconídeos*

13. Inseto do gênero *bombus*, aparentado com as abelhas.

14. O asterisco sobre as palavras indica que as mesmas não ocorrem na língua.

Referências bibliográficas

- ARAUJO, Gabriel Antunes. Fonologia e Morfologia da Língua Maxakalí. Unicamp: Campinas, 2000b.
- CAMPOS, Carlo Sandro de Oliveira. Verbos transitivos, inergativos e inacusativos em Maxakalí. In: DUARTE, Fábio Bonfim (org.). Cisão de caso, telicidade e posse em línguas indígenas brasileiras. Revista Viva voz, Fale/UFMG, 2007
- GUDSCHINSKY, Sarah; POPOVICH, Harold; POPOVICH, Frances. Native reaction and phonetic similarity in Maxakalí phonology. *Language* 46, p. 77-88, 1970
- POPOVICH, Harold. Como um som Maxakalí pode influenciar sons contíguos. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1983. (Apostila)
- _____. Maxakalí language, 1971 (Manuscrito)
- _____. (Org.). Patap uru. Brasília: SIL, 1992. (Cartilha Maxakalí, 1).
- _____. (Org.). Kokex. Brasília: SIL, 1992. (Cartilha Maxakalí, 2).
- _____. (Org.). Mõgmõka. Brasília: SIL, 1992. (Cartilha Maxakalí, 3).
- _____. (Org.). Yäyã. Brasília: SIL, 1992. (Cartilha Maxakalí, 4).
- _____. (Org.). Mũnihĩn. Brasília: SIL, 1992. (Cartilha Maxakalí, 5).
- _____. Como um som Maxakalí pode influenciar sons contíguos. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1983. (Apostila)
- RODRIGUES, Aryon D. *Nasalização e fronteira de palavra em Maxakalí*. Anais do V Encontro Nacional de Linguística. 2. 305-11. Rio de Janeiro: PUC, 1981

Sandro Campos
Doutorando em Linguística
FALE/UFMG